



A urgência da formação docente para a heterogeneidade na sala de aula

Rosana Mendes Ribeiro (*)

No Brasil, matricular estudantes com múltiplos perfis de aprendizagem e necessidades adaptativas na escola regular deixou de ser uma conquista a ser celebrada, mas tornou-se o patamar mínimo da lei

No entanto, atravessar o portão da escola não garante o direito de aprender. A verdadeira inclusão não se consolida na assinatura da matrícula, mas na microdinâmica da sala de aula, onde a heterogeneidade precisa encontrar acessibilidade curricular e adaptação pedagógica.

A diversidade das nossas turmas é hoje um fato incontestável. Dados do Censo Demográfico do IBGE (2022) revelaram que o Brasil possui cerca de 760,8 mil estudantes com 6 anos ou mais diagnosticados com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A Organização Mundial da Saúde (OMS) estima que entre 5% e 7% das crianças em idade escolar em todo o mundo tenham Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH). Quando somamos esses estudantes a outros alunos neurodivergentes (como dislexia, altas habilidades e superdotação), pessoas com deficiências físicas ou sensoriais, e crianças de diferentes contextos socioemocionais e ritmos de aprendizagem, fica claro que a homogeneidade é uma ilusão. A turma heterogênea é a única realidade existente.

Apesar desse cenário, a preparação das nossas redes estagna na teoria. Dados do Ministério da Educação (MEC/Inep, 2023) revelam um fosso alarmante: cerca de 94% dos professores da educação básica no Brasil não possuem formação continuada para atuar na perspectiva inclusiva. Para agravar o quadro, pesquisas lançadas em 2024 pelo Instituto Alana e UNESCO demonstram que as graduações e licenciaturas no Brasil tratam a inclusão apenas de forma superficial, deixando lacunas na formação prática sobre acessibilidade curricular, adaptação de avaliações e aplicação do Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA).

Sem o domínio prático do manejo da diversidade,

de, cria-se o fenômeno da "pseudoinclusão": o estudante está fisicamente presente, mas pedagogicamente excluído. De um lado, professores dedicados enfrentam o esgotamento profissional por tentarem adaptar conteúdos de forma intuitiva. Do outro, estudantes com ritmos e formas singulares de aprender veem seu potencial limitado pela falta de estratégias pedagógicas acessíveis.

É urgente reformular os currículos universitários para incluir a prática da flexibilização curricular e garantir um programa contínuo de formação em serviço para os docentes que já estão no chão da escola.

Superar a lógica da homogeneização exige investir estrategicamente na formação docente. É urgente transformar os currículos das licenciaturas nas universidades e oferecer cursos práticos e contínuos aos profissionais em exercício, capacitando-os para flexibilizar avaliações, adaptar conteúdos e desenhar estratégias didáticas diversas.

Atualmente, tramita na Câmara dos Deputados uma proposta que torna obrigatória a formação inicial e continuada em educação inclusiva para todos os docentes da educação básica, além de exigir disciplinas sobre o tema em cursos de licenciatura, o Projeto de Lei PL 2123/2026. O texto prevê que a capacitação seja critério para concursos públicos e progressão na carreira, mas ainda precisa ser aprovado para virar lei.

A sala de aula é heterogênea por natureza, e a formação docente precisa preparar o professor para reconhecer barreiras à aprendizagem e promover a acessibilidade curricular diante das diferentes singularidades dos estudantes, com ou sem diagnóstico. Investir na formação para a heterogeneidade é reconhecer que equidade não significa dar a todos a mesma coisa, mas oferecer a cada estudante as condições de que necessita para aprender. A imprensa, o poder público e a sociedade precisam assumir esse compromisso: sem docentes preparados para garantir a acessibilidade curricular, a inclusão continuará sendo apenas uma promessa no papel.

(*) Profa. Dra. sócia-fundadora do Núcleo Aprende, fonoaudióloga, psicopedagoga e idealizadora da Metodologia CDRA.

Bairros planejados: cinco características que explicam por que esse modelo cresce no Brasil

Especialista explica o que diferencia os bairros planejados das expansões urbanas convencionais e por que cada vez mais famílias buscam esse modelo para viver e investir

O mercado imobiliário de Teresina vive um dos momentos mais positivos de sua história recente. Dados do Índice FipeZap colocam a capital entre as cinco cidades com maior valorização imobiliária do Brasil no primeiro semestre de 2026, com alta acumulada de 5,08%, mais que o dobro da média nacional. Para especialistas, o resultado evidencia uma tendência que vem ganhando força em diferentes regiões do país: empreendimentos desenvolvidos com planejamento urbano, infraestrutura completa e foco na qualidade de vida têm impulsionado a valorização de bairros e atraído cada vez mais moradores e investidores.

Em meio ao crescimento acelerado das cidades brasileiras, prioridades como qualidade de vida, segurança, mobilidade e a facilidade de resolver a vida a pé mudaram de patamar. Hoje, esses fatores não apenas definem a escolha de onde morar, mas transformaram completamente a forma como novos espaços urbanos são desenhados. É nesse cenário que os bairros planejados deixaram de ser nicho para virar protagonistas no mercado imobiliário e no debate sobre o futuro das nossas cidades.

Um levantamento da Idealiza Cidades ajuda a dimensionar esse movimento: entre 2020 e 2025, foram lançados 29 novos bairros planejados privados no Brasil. O dado evidencia que o modelo não é um modismo passageiro, mas uma tendência sólida com forte potencial de expansão para os próximos anos.

Para Luiz Geddes, Sócio Diretor e CEO da Conviver Urbanismo, a ascensão desse conceito reflete uma mudança profunda no comportamento do consumidor e a urgência por cidades mais inteligentes e preparadas para o amanhã.

“Hoje, as pessoas não buscam apenas quatro paredes e uma chave na mão. Elas procuram praticidade, bem-estar, segurança e uma rotina que faça sentido, com menos estresse. O bairro planejado nasce justamente para abraçar essa demanda, integrando infraestrutura moderna, serviços, áreas verdes e espaços de convivência desde o primeiro traço do projeto”, pontua o executivo.

Abaixo, especialistas destacam características essenciais que explicam por que os bairros planejados estão conquistando o país:

1. O planejamento vem antes da ocupação

A grande virada de chave entre um bairro planejado e o crescimento urbano convencional é a ordem dos fatores. Nas expansões tradicionais, as pessoas chegam e, com o tempo (e muitas vezes com atraso), a estrutura pública corre atrás. No bairro planejado, o pensamento de longo prazo vem antes de tudo.



“Toda a infraestrutura de ponta, o sistema de drenagem, as soluções de mobilidade, as áreas verdes e as regras de uso do solo são desenhados de forma integrada, antes mesmo do primeiro morador se mudar. Isso evita aqueles problemas clássicos de cidades que crescem de forma desordenada e sem fôlego para o futuro. Essa organização garante que o bairro cresça de forma saudável, preservando o bem-estar dos moradores ao longo dos anos”, explica Ângelo Vieira Jr., CMO da Conviver Urbanismo.

2. Moradia, serviços e lazer a poucos passos

A busca por conveniência molda a vida moderna. Passar horas no trânsito perdeu o sentido, e projetos que aproximam a casa, o comércio, o lazer e os serviços essenciais têm atraído cada vez mais olhares.

“O grande luxo atual é o tempo. Quando o morador consegue resolver o dia a dia, ir à padaria, à academia ou levar os filhos à praça sem precisar tirar o carro da garagem, a experiência de morar ganha outra qualidade. Além do ganho individual, essa lógica de “bairro de 15 minutos” desafia o trânsito e torna a dinâmica da cidade muito mais eficiente”, afirma Mário Aragão, Sócio e Diretor Executivo Comercial da Conviver Urbanismo.

3. Áreas verdes deixaram de ser mero diferencial

Houve um tempo em que praças e árvores eram vistas como um bônus paisagístico. Hoje, o contato com a natureza é reconhecido como um pilar indispensável para criar ambientes mais humanos e acolhedores.

“Parques e espaços de convivência ao ar livre geram um impacto que vai muito além da beleza visual. Eles resgatam o senso de comunidade, estimulam as pessoas a ocuparem as ruas, promovem a saúde mental e criam memórias. É o urbanismo focado nas pessoas. Naturalmente, locais que oferecem esse respiro verde tendem a se valorizar muito mais”, destaca Geddes.

4. Infraestrutura que sustenta a valorização real

A valorização imobiliária nem sempre acontece de forma homogênea. Muitas regiões passam por um boom rápido, mas perdem força quando a

estrutura do entorno não acompanha a demanda.

“Bairros que nascem estruturados mantêm sua competitividade e valor de mercado por muito mais tempo. Quando há um desenho viário inteligente, redes de serviços prontas e espaço para o crescimento ordenado, o patrimônio do investidor e do morador se valoriza de forma sólida e sustentável. É isso que explica por que certas regiões envelhecem bem e continuam desejadas após décadas”, detalha Ângelo.

5. O impacto positivo transborda para a região

Os benefícios desse modelo não ficam restritos aos limites do empreendimento. Um bairro planejado bem-sucedido atua como um verdadeiro motor de desenvolvimento para o seu entorno.

“Um projeto desse porte atrai novos investimentos privados, fomenta o comércio local, gera empregos e qualifica toda a região vizinha. É um ciclo virtuoso de desenvolvimento econômico. E esse impacto abrangente justifica o crescimento acelerado do modelo em regiões que atravessam fortes ciclos de expansão econômica e demográfica”, diz Mário.

O futuro das cidades é desenhado agora

Caminhabilidade, sustentabilidade, tecnologia aplicada ao cotidiano e uso misto dos espaços são as premissas que ditam as regras do mercado atual. Diante disso, o planejamento urbano se consolidou como o divisor de águas entre cidades funcionais e cidades saturadas.

“Cidades organizadas e conectadas são melhores para se viver, criar os filhos e prosperar nos negócios. Por isso, planejar deixou de ser uma discussão técnica de prancheta e virou uma estratégia vital de desenvolvimento regional”, conclui Ângelo Vieira.

Mais do que uma resposta comercial do mercado imobiliário, os bairros planejados representam um novo olhar sobre a vida urbana, provando que o futuro das cidades depende, essencialmente, de colocarmos a qualidade de vida no centro de tudo.

Conviver Urbanismo aposta em bairros planejados para impulsionar o desenvolvimento das cidades

Com presença em 44 municípios do Piauí, Ceará e Maranhão, a Conviver Urbanismo tem apostado no desenvolvimento de bairros planejados como uma forma de contribuir para a construção de cidades mais organizadas, sustentáveis e preparadas para acompanhar o crescimento urbano. Ao longo de sua trajetória, a urbanizadora já lançou mais de 120 empreendimentos e atendeu mais de 16 mil clientes, desenvolvendo projetos que integram infraestrutura, mobilidade, áreas verdes, comércio, serviços e espaços de convivência.

Para Ângelo Vieira Jr., o avanço desse modelo está diretamente ligado às novas demandas da população e à necessidade de um planejamento urbano mais eficiente. “Acreditamos que o desenvolvimento urbano precisa ser pensado de forma integrada. Mais do que criar empreendimentos, nosso papel é contribuir para a construção de cidades mais eficientes, humanas e preparadas para o futuro. Os bairros planejados representam justamente essa evolução na forma de ocupar e desenvolver os espaços urbanos”, diz.

Na avaliação de Luiz Geddes, a crescente procura por esse tipo de empreendimento acompanha uma transformação no comportamento dos consumidores e nas expectativas sobre o que significa viver bem. “Hoje, as pessoas buscam mais do que uma boa localização. Elas querem conveniência, acesso facilitado a serviços, áreas de convivência, mobilidade e qualidade de vida. O bairro planejado surge justamente para atender essa nova expectativa, oferecendo uma experiência urbana mais completa”, entende.

Para o executivo, a expansão desse modelo reflete uma mudança mais ampla na forma como as cidades serão desenvolvidas nos próximos anos. “Os bairros planejados representam uma evolução natural do mercado imobiliário e do urbanismo. Existe uma demanda crescente por espaços que combinem moradia, trabalho, comércio, serviços e lazer de forma integrada. Nosso papel é antecipar essas necessidades e desenvolver projetos que contribuam para cidades mais inteligentes, sustentáveis e preparadas para o futuro”, complementa.

Já para Mário Aragão, o diferencial dos bairros planejados está na capacidade de unir qualidade de vida e desenvolvimento econômico em um mesmo projeto. “Quando falamos em bairro planejado, estamos falando de criar um ecossistema completo para as pessoas viverem. Isso significa pensar desde a infraestrutura e mobilidade até a oferta de serviços, áreas de convivência, lazer e oportunidades de negócios. O resultado são espaços mais dinâmicos, que geram valor para os moradores, para os empreendedores e para toda a região ao seu redor”, conclui.

